Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

UTILIZAÇÃO DA AROEIRA NA MEDICINA TRADICIONAL: UMA ABORDAGEM CIENTÍFICA

USE OF AROEIRA IN TRADITIONAL MEDICINE: A SCIENTIFIC APPROACH

Luan Ferreira Da Cunha
Discente do curso de Farmácia
Faculdade ALFA-Unipac, Brasil
E-mail: luanferreiradacunha146@gmail.com

Jessica Moreira Jorge
Discente do curso de Farmácia
Faculdade ALFA-unipac, brasil
E-mail: jessicamoreirajorge@gmail.com

Tarcyo Ribeiro dos Reis
Discente do curso de Farmácia
Faculdade ALFA-unipac, brasil
E-mail: tarcyoribeiro@gmail.com

Milene Pereira Alves
Discente do curso de Farmácia
Faculdade ALFA-unipac, brasil
E-mail: milenepa52@gmail.com

Recebido: 01/04/2025 – Aceito: 25/04/2025

Resumo

Este artigo tem como objetivo explorar o potencial terapêutico da Schinus terebinthifolia (aroeira), uma planta medicinal amplamente utilizada na medicina tradicional e popular, especialmente no Brasil. As folhas e a casca da aroeira são empregadas no tratamento de feridas, doenças respiratórias e urinárias, enquanto seus frutos, ricos em vitaminas, são consumidos como especiarias. Conhecida por suas propriedades antibacterianas, antifúngicas, antioxidantes e anti-inflamatórias, a aroeira contém compostos bioativos, como flavonoides, saponinas, terpenos e taninos. Estudos demonstram que seus extratos possuem atividade significativa contra cepas bacterianas e fúngicas, como Staphylococcus aureus e Candida krusei, destacando seu potencial como agente antimicrobiano. Além disso, a planta apresenta propriedades antioxidantes, protegendo as células contra danos causados por radicais livres, e efeitos anti-inflamatórios, reduzindo a migração de neutrófilos e a produção de citocinas inflamatórias em modelos experimentais de artrite. O presente estudo reúne e analisa informações sobre a aroeira, enfatizando seu potencial terapêutico e a necessidade de mais pesquisas para validar seu uso na medicina moderna.

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

Palavras-chave: Schinus terebinthifolia; Fitoterapia; Antimicrobiano; Antioxidante; Medicina Popular.

Abstract

This article aims to explore the therapeutic potential of Schinus terebinthifolia (aroeira), a medicinal plant widely used in traditional and popular medicine, especially in Brazil. The leaves and bark of aroeira are used to treat wounds, respiratory diseases, and urinary issues, while its vitamin-rich fruits are consumed as spices. Known for its antibacterial, antifungal, antioxidant, and anti-inflammatory properties, aroeira contains bioactive compounds such as flavonoids, saponins, terpenes, and tannins. Studies show that its extracts exhibit significant activity against bacterial and fungal strains, including Staphylococcus aureus and Candida krusei, enhancing its potential as an antimicrobial agent. Furthermore, aroeira demonstrates antioxidant properties, essential for cellular protection against free radical damage, and antiinflammatory effects, reducing neutrophil migration and the production of inflammatory cytokines in experimental arthritis models. This study gathers and analyzes available information on aroeira, highlighting its therapeutic potential and the need for further research to validate its use in modern medicine.

Keywords: Schinus terebinthifolia; Phytotherapy; Antimicrobial; Antioxidant; Traditional Medicine.

INTRODUÇÃO

A natureza está repleta de plantas com atributos medicinais surpreendentes, e o uso de plantas para o tratamento de doenças é uma prática disseminada ao redor do mundo. Desde as antigas civilizações egípcia, grega e chinesa até as tradições indígenas na América Latina, as plantas medicinais têm sido empregadas para tratar uma vasta gama de condições, como infecções, inflamações e dores. Essas experiências tradicionais, muitas vezes transmitidas oralmente ao longo de gerações, constituem a base para o uso atual de fitoterápicos (HOFFMANN; ANJOS, 2018)

Uma planta pode conter centenas de substâncias que, quando utilizadas corretamente em conjunto, podem exercer funções importantes, seja na prevenção, tratamento ou cura de doenças. É fundamental conhecer muito bem a planta

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

utilizada, levando em consideração o local de coleta e o preparo correto (ANVISA, 2022).

Entre as espécies de plantas medicinais, a aroeira (*Schinus terebinthifolia*), também conhecida como aroeira-vermelha ou aroeira-pimenteira, destaca-se, especialmente, pela conformação de seus frutos e por ser consumida como especiaria alimentar. A planta se destaca pela sua performance terapêutica, sendo amplamente distribuída em regiões tropicais e subtropicais, e é originária da América do Sul, nativa do Brasil, Paraguai, Uruguai e leste da Argentina.

A aroeira tem sido objeto de diversos estudos científicos devido à sua rica composição química, que inclui metabólitos secundários como flavonoides, saponinas, terpenos e taninos (COSTA, 2024). Esses compostos têm demonstrado atividades biológicas significativas, possuindo propriedades antibióticas, antifúngicas, antialérgicas, antiulcerogênicas, balsâmicas, depurativas e hipotensivas. A ação anti-inflamatória tem sido amplamente discutida, sendo utilizada para tratar dores reumáticas; como diurético em afecções renais; e como anti-inflamatório e bactericida em casos de blenorragias, leucorreias e sífilis (FLORIAN, 2022).

Este artigo tem como objetivo reunir e analisar as informações disponíveis sobre o uso da aroeira na medicina tradicional e popular, bem como as evidências científicas relacionadas ao seu potencial terapêutico. Observando que a *Schinus terebinthifolius* é uma espécie amplamente utilizada pela medicina tradicional, está pesquisa propõe constatar suas características terapêuticas com foco em pesquisas viabilizadas por meio de leituras científicas.

REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Historicamente, o uso de plantas medicinais remonta a tempos muito antigos, sendo uma prática presente em diversas civilizações. Na China, há registros do uso de ginseng por imperadores já em 3000 a.C., e, no Egito, os papiros de Erbs catalogaram 125 plantas medicinais. Na Grécia Antiga, Hipócrates é conhecido por

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

sistematizar o uso de plantas no tratamento de doenças. Durante a Idade Média, as pesquisas realizadas pela Igreja foram limitadas, mas, no século
XIII, as Escolas de Salerno e Montpellier revitalizaram o estudo das ervas. No Brasil, o uso de ervas medicinais foi herdado dos indígenas, europeus e africanos, formando uma farta base de conhecimento (BRAGA, 2011).

A *Schinus terebinthifolius* Raddi, da família Anacardiaceae, é popularmente conhecida como aroeira-da-praia, aroeira-precoce, aroeira-mansa, aroeiravermelha, aroeira-pimenteira, aroeira-do-brejo, aroeira-negra, aroeira-branca, aroeira-do-campo, aroeira-do-sertão, aroeira-do-paraná, aroeira-de-remédio (BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA). É uma planta originária da América do Sul, nativa do Brasil, Paraguai, Uruguai e do leste da Argentina, com distribuição em regiões tropicais e subtropicais. No Brasil, ela é encontrada em todas as regiões, desde Pernambuco até o Rio Grande do Sul. Além disso, essa espécie é cultivada como ornamental na Europa e também pode ser vista na América Central e no sul dos Estados Unidos, especialmente na Flórida, onde atua como uma planta invasora (BRASIL. Ministério da Saúde).

A *Schinus terebinthifolius* pode variar de arbusto a árvore, com altura média de 2 a 10 metros, podendo até atingir cerca de 15 metros. Seu tronco pode ser reto ou tortuoso, com copa baixa, densa e irregular. A casca externa é cinza-escura e a interna avermelhada, com um cheiro característico de terebintina. As folhas, geralmente, possuem de 9 a 11 folíolos verdes e lanceolados. As flores são pequenas, branco-amareladas, reunidas em panículas densas, multiflorais, com 4 a 70 centímetros de comprimento. O fruto é uma pequena drupa globosa, vermelha ou purpúrea, contendo uma única semente oleosa de cor amarelo-clara (CARVALHO, 2024, p. 162).

Na medicina tradicional, as folhas da aroeira são utilizadas como cataplasma no tratamento de úlceras e, em decocção, para tratar feridas. As infusões são empregadas no tratamento de doenças respiratórias, gastrointestinais e hemoptise (GILBERT; ALVES; FAVORETO, 2022). A casca é usada contra diarreias, doenças do sistema urinário, e em banhos para reumatismo e ciático (MORTON, 1978;

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

BRANDÃO et al., 2008). Além disso, o banho de assento é descrito no Formulário Nacional para o tratamento de infecções ginecológicas (ANVISA, 2011).

O fruto (pimenta-rosa) da planta é amplamente utilizado na gastronomia, possuindo um sabor levemente adocicado, similar ao da pimenta-do-reino. É rico em vitaminas A, B, B1, B2, B3, C e E, além de conter cálcio, ferro e fibras (CERQUEIRA; SILVA, 2023). A composição química dos frutos pode variar significativamente em relação às outras partes da planta, possuindo propriedades farmacológicas e medicinais, com atividades antimicrobianas, podendo combater a propagação de fungos e bactérias (VENTURA et al., 2018).

Os principais compostos químicos encontrados no óleo essencial da *schinus terebinthifolius* são: Cis-β-terpineol (17,87%), (E)-Cariofileno (17,56%), β-Cedreno (9,76%) e Citronelal (7,03%), além dessas, foram detectados outros compostos em menor quantidade, como monoterpenos (4,97%), sesquiterpenos (56,96%), monoterpenos oxigenados (34,37%) e sesquiterpenos oxigenados (3,32%) (ELMASSRY KF, et al., 2009).

CARACTERÍSTICAS ANTIMICROBIANAS

Em um estudo de análise experimental in vitro, foi investigada a ação antimicrobiana da *Schinus terebinthifolia*. Os resultados demonstraram que os extratos hexânicos dos frutos maduros apresentam alta concentração de compostos fenólicos e flavonoides, evidenciando sua eficácia significativa contra bactérias Gram-positivas, como *Staphylococcus aureus*, e Gram-negativas, incluindo *Escherichia coli* e *Klebsiella pneumoniae*. Esses resultados indicam que os frutos da aroeira têm potencial para o desenvolvimento de novos agentes antimicrobianos (BRAGA et al., 2020).

Estudos realizados por Amorim e Santos (2003) investigaram a aplicabilidade e segurança do gel vaginal de *Schinus terebinthifolius Raddi* no tratamento da vaginose bacteriana, uma infecção comum que pode causar complicações preocupantes. As 48 mulheres participantes foram divididas em dois grupos: 25 usaram o gel de aroeira e 23, um placebo. O estudo clínico randomizado avaliou a

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

eficácia pela taxa de cura e pela presença de lactobacilos na flora vaginal. O gel de aroeira apresentou uma taxa de cura de 84%, significativamente superior à do placebo (47,8%), e aumentou a presença de lactobacilos. Os efeitos colaterais foram mínimos e semelhantes em ambos os grupos. Evidenciando que o gel de aroeira é uma opção eficaz e segura para o tratamento da vaginose bacteriana, destacando-se pelo seu potencial na restauração da flora vaginal saudável.

CARACTERÍASTICAS ANTIOXIDANTES

Antioxidante são substâncias que protegem as células dos danos causados por radicais livres, sua ação envolve tanto a prevenção da formação dos radicais livres quanto a conversão dessas moléculas em compostos inofensivos, podendo fortalecer o sistema imunológico e prevenir doenças (CARVALHO, 2021). Com o objetivo de avaliar e quantificar os compostos antioxidantes da Schinus terebinthifolia Raddi, utilizando três métodos de extração: maceração, banho-maria e banho ultrassônico. Os resultados obtidos mostram que o banho-maria foi superior para os compostos fenólicos, enquanto o banho ultrassônico foi mais eficaz na extração de flavonoides, confirmando por método DPPH atividade antioxidante, demostrando grande potencial antioxidante em todos os métodos. Os compostos fenólicos e flavonoides, presente na aroeira, e de grande importância farmacológica devido à sua capacidade de prevenir danos celulares causados pelo estresse oxidativo (SOUSA; POVH, 2004).

Em análise de potencial do extrato etanólico das folhas da aroeira, para testa sua capacidade antioxidante, foi utilizado o método DPPH (2,2-difenil-1-picrilhidrazil), que avalia o sequestro de radicais livres, com três concentrações do extrato (125, 250 e 500 µg/mL). Os resultados mostraram que o extrato etanólico foi capaz de sequestrar até 40% dos radicais livres na maior concentração (500 µg/mL). Os extratos metanólicos das folhas de *Schinus terebinthifolius* (MEST) apresentaram um valor de IC50 (concentração necessária para inibir 50% dos radicais livres) de 12,32 µg/ml, indicando forte capacidade antioxidante (SILVA et al., 2017).

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

Os frutos da Schinus terebenthifolius Raddi apresentaram atividade antioxidante significativa em seus extratos aquoso e alcoólico, ambos demonstrando boa capacidade de neutralização de radicais livres. Os resultados indicaram que o extrato aquoso contém 88 µg de catequina/g, enquanto o extrato alcoólico apresenta 685 µg/g, evidenciando que a extração com etanol é mais eficiente. Ambos os extratos apresentaram atividade antioxidante inferior aos antioxidantes sintéticos BHT e BHA, com inibições de 25% e 53%, respectivamente. A análise por HPLC revelou a presença da flavona apigenina e do ácido elágico no extrato alcoólico, enquanto o extrato aquoso contém a flavanona naringina. Os frutos da aroeira-vermelha possuem um teor intermediário de compostos fenólicos, sendo mais ricos que grãos, mas menos que algumas frutas (DEGÁSPARI, C. H. et al. 2004).

CARACTERÍSTICAS ANTIFÚNGICAS

O óleo essencial de *Schinus terebinthifolius* apresentou, em sua composição química, uma predominância de monoterpenos, que provavelmente foram avaliados por suas propriedades antifúngicas (OLIVEIRA JUNIOR et al., 2013). O óleo essencial de *Schinus terebinthifolius* foi testado quanto à sua atividade antifúngica sobre os fungos *Colletotrichum gloesporioides* e *Lasiodiplodia theobromae*, que são patógenos fitopatogênicos de pós-colheita. O óleo das folhas secas inibiu 92,55% do crescimento na concentração de 3%. O óleo das folhas frescas teve desempenho semelhante nas concentrações de 1,5% e 3%, enquanto o óleo das sementes verdes inibiu completamente o crescimento na concentração de 3%. Em relação ao *L. theobromae*, o óleo das sementes verdes e das folhas secas demonstrou inibição completa nas concentrações de 1,5% e 3%. Esses resultados mostram que o óleo essencial da aroeira pode ser promissor no controle de patógenos de plantas (SANTOS et al., 2014).

Com o intuito de avaliar a atividade antifúngica de *Schinus terebinthifolius* sobre várias cepas de *Candida*, destacou-se a *Candida krusei*, que é uma espécie significativa no contexto clínico, devido à sua resistência característica a vários antifúngicos. Os estudos mostram que a tintura da aroeira foi capaz de inibir o

Revista Multidisciplinar do Nordeste Mineiro, v.08, 2025
ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

crescimento da *Candida krusei*, com halos de 14 mm, valor igual ao controle positivo. Essa inibição equivalente sugere que a aroeira possui potencial antifúngico contra *C. krusei*. Embora os resultados sejam promissores, faz-se necessário mais estudos microbiológicos e clínicos para determinar sua eficácia, especialmente como método alternativo de baixo custo na prática odontológica, onde infecções fúngicas na cavidade oral são comuns em pacientes vulneráveis (FREIRES et al., 2011).

CARACTERÍSTICAS ANTI-INFLAMATÓRIAS

Conforme estudo de Rosas et al. (2015), o extrato hidroalcoólico de *Schinus terebinthifolius* demonstrou efeitos anti-inflamatórios consideráveis na redução da migração de neutrófilos em modelos experimentais de artrite. O extrato ST-70 demostrou reduzir significativamente o acúmulo de neutrófilos, que são células do sistema imune envolvidas na resposta inflamatória, o tratamento com ST-70 diminuiu a produção de citocinas inflamatórias importantes, como TNF-α, IL-1β, IL6 e CXCL1/KC, que são importantes na progressão de doenças inflamatórias crônicas, como a artrite reumatoide.

TOXICIDADE

As plantas produzem substâncias químicas que podem ter diversos efeitos biológicos, incluindo toxicidade. Essas substâncias, conhecidas como metabólitos secundários, podem causar alterações metabólicas prejudiciais. A toxicidade de uma planta depende de fatores como a parte utilizada, o modo de exposição (inalação, ingestão, contato) e as condições ambientais (armazenamento inadequado, contaminação por pesticidas, etc.). A intoxicação aguda geralmente ocorre após uma única exposição, enquanto a intoxicação crônica pode resultar de exposições repetidas ao longo do tempo (CAMPOS *et al.,* 2016).

Foi realizado estudos quanto a toxicidade aguda dá *schinus terebinthifolia*. Um estudo comparativo entre sua toxicidade do da pimenta-do-reino (*Piper negrume* L.)

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

e encontrou que DL50 (dose letal mediana) para administração oral em camundongos foi superior a 5g/kg, indicando baixa toxicidade por via oral. Entretanto, a DL50 por via intraperitoneal foi de 3,5 g/kg para schinus terebinthifolia, embora seja relativamente seguro para consumo oral em doses elevadas, os riscos possam ser maiores em outras vias de administração, o consumo dos frutos pode causar vômito e diarreia em crianças, possivelmente devido à presença de compostos fenólico (PIRES *et al*., 2004).

De acordo com Patocka e Almeida (2017), o estudo da aroeira-vermelha (Schinus terebinthifolius) mostra um perfil de segurança favorável em testes agudos e subagudos, o uso crônico e prolongado pode apresentar alguns riscos, como anemia leve e possíveis efeitos teratogênicos, apresentou resultados positivos em outros testes de mutagenicidade, sugerindo que pode causar danos ao DNA e mutações em bactérias, possivelmente devido a danos oxidativos. Outros estudos sugerem que, embora não haja ruptura direta do DNA, o extrato pode causar danos oxidativos, o que levanta preocupações sobre possíveis mutações. Foi identificado que frações enriquecidas em flavonoides da casca podem romper ligações fosfodiéster no DNA, potencialmente levando a mutações (CARVALHO *et al*., 2013).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Schinus terebinthifolius, conhecida popularmente como aroeira, tem ganhado cada vez mais destaque, tanto na medicina tradicional quanto nos estudos científicos atuais, por conta de suas propriedades terapêuticas. Encontrada com facilidade em regiões tropicais e subtropicais, a planta se destaca pela sua diversidade de usos medicinais, o que a torna uma ferramenta importante no tratamento de diversas doenças e um objeto de interesse constante na pesquisa científica.

Sua composição química é rica em compostos como fenólicos, flavonoides, terpenos e taninos, que lhe conferem uma série de benefícios biológicos, como ação antimicrobiana, antioxidante, antifúngica e anti-inflamatória. Pesquisas têm mostrado que a aroeira possui um grande potencial na prevenção e tratamento de infecções,

ISSN 2178-6925
DOI: 10.61164/rmnm.v8i1.3746

incluindo aquelas provocadas por bactérias resistentes e fungos. Além disso, ela também tem demonstrado bons resultados na redução de inflamações e no combate aos radicais livres, o que reforça sua relevância.

O que torna essa planta ainda mais interessante é sua capacidade de atuar não apenas na saúde humana, mas também no controle de patógenos que afetam as plantas, evidenciando sua versatilidade e importância tanto ecológica quanto farmacológica. Em locais onde o acesso a medicamentos convencionais é limitado, a aroeira se apresenta como uma alternativa valiosa, reforçando o valor dos saberes tradicionais e da medicina popular.

REFERÊNCIAS

AMORIM, Melania Maria Ramos de; SANTOS, Luiz Carlos. Tratamento da vaginose bacteriana com gel vaginal de aroeira (*Schinus terebinthifolius* Raddi): ensaio clínico randomizado. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**, v. 25, n. 2, p. 95-102, 2003. Disponível em: <URL>. Acesso em: 11 set. 2024.

BRAGA, Carla de Morais. Histórico da Utilização de Plantas Medicinais. 2011. Monografia (Licenciatura em Biologia) – Consórcio Setentrional de Educação a Distância, Universidade de Brasília/Universidade Estadual de Goiás, Brasília, 2011.

BRAGA, Nayara Soares de Mendonça; TENÓRIO, Amanda Guedes; SILVA, Clara Bárbara Vieira; OLIVEIRA, Evilly Rodrigues; PIRES, Luana Luzia Santos; SANTOS, Aldenir Feitosa. Ação antibacteriana e composição fenólica do óleo essencial dos frutos de *Schinus terebinthifolius* Raddi frente a patógenos multirresistentes. **Revista Virtual de Química**, v. 12, n. 5, p. 00-00, 2020. Disponível em: http://dx.doi.org/10.21577/1984-6835.20200087. Acesso em: 16 ago. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. ANVISA. Monografia da espécie *Schinus terebinthifolius* Raddi (Aroeira-da-Praia). Brasília: Ministério da Saúde, 2014. Disponível em: https://www.xn-farmacuticosbb.com/_files/ugd/ad17d6_dd89554e1e2b48a7af3ed9b470122894.pdf?index=tru e. Acesso em: 23 jul. 2024.

BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Ciência, Tecnologia, Inovação e Insumos Estratégicos em Saúde. Departamento de Assistência Farmacêutica e Insumos Estratégicos. Informações Sistematizadas da Relação Nacional de Plantas Medicinais de Interesse ao SUS: *Schinus terebinthifolius* Raddi,

Anacardiaceae (Aroeira-da-praia) [recurso eletrônico]. Brasília: Ministério da Saúde, 2021. 81 p. Disponível em: http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/informacoes_sistematizadas_relacao_schinus_raddi.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

CAMPOS, S. C.; SILVA, C. G.; CAMPANA, P. R. V.; ALMEIDA, V. L. Toxicidade de espécies vegetais. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, v. 18, n. 1, supl. I, p. 373-382, 2016.

CARVALHO, M. G.; MELO, A. G. N.; ARAGÃO, C. F. S.; RAFFIN, F. N.; MOURA, T. F. A. L. *Schinus terebinthifolius* Raddi: composição química, propriedades biológicas e toxicidade. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 15, n. 1, p. 158-169, 2013. Disponível em: http://www.sbpmed.org.br. Acesso em: 13 out. 2024.

CARVALHO, Guilherme dos Reis. Atividade antioxidante de compostos naturais e sintéticos. Revisão por Sônia Aparecida Figueiredo. Coordenação do projeto de extensão por Juciano Gasparotto. **Ciência UNIFAL**, 2021. Disponível em: https://search.app/kPvidP3KxKzAn6aq9. Acesso em: 11 set. 2024.

CARVALHO, Paulo Ernani Ramalho; EFILER, Vera Lúcia; KUNOYOSHI, Luiz; outros autores. Espécies Arbóreas Brasileiras. Vol. 1. Colombo: [Editora], [ano]. 180 p. Disponível em: https://ainfo.cnptia.embrapa.br/digital/bitstream/item/231664/1/EspeciesArboreasBrasileiras-vol-1-Aroeira-Pimenteira.pdf. Acesso em: 23 jul. 2024.

DEGÁSPARI, C. H.; WASZCZYNSKYJ, N.; SANTOS, R. J. dos. Atividade antioxidante de extrato de fruto de aroeira (*Schinus terebenthifolius* Raddi). **Visão Acadêmica**, Curitiba, v. 5, n. 2, p. 83-90, jul.-dez. 2004. ISSN 1518-5192.

EL-MASSRY, Khaled F.; EL-GHORAB, Ahmed H.; SHAABAN, Hamdy A.; SHIBAMOTO, Takayuki. Chemical compositions and antioxidant/antimicrobial activities of various samples prepared from *Schinus terebinthifolius* leaves cultivated in Egypt. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**, Washington, v. 57, n. 12, p. 5265-5270, 2009. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/26234651. Acesso em: 13 nov. 2018.

FREIRES, I. A. et al. Atividade antifúngica de *Schinus terebinthifolius* (Aroeira) sobre cepas do gênero *Candida*. **Revista Odontológica do Brasil Central**, v. 20, n. 52, p. 41-45, 2011.

GILBERT, Benjamin; ALVES, Lúcio Ferreira; FAVORETO, Rita de Fátima. Monografias de Plantas Medicinais Brasileiras e Aclimatadas (volume II). Rio de Janeiro: Editora Fiocruz; Curitiba: Abifisa, 2022. E-book (295 p.).

HOFFMANN, Roney; ANJOS, Mônica de Caldas Rosa dos. Construção histórica do uso de plantas medicinais e sua interferência na socialização do saber popular. Artigo recebido em 27 fev. 2018. Aceito para publicação em 15 mai. 2018.

OLIVEIRA JÚNIOR, LFG et al. Efeito fungitóxico do óleo essencial de aroeira da praia (*Schinus terebinthifolius* RADDI) sobre *Colletotrichum gloeosporioides*. **Revista Brasileira de Plantas Medicinais**, Botucatu, v. 1, p. 150-157, 2013.

PATOCKA, Jiri; ALMEIDA, Joyce Diz de. Brazilian pepper tree: review of pharmacology. **Mil. Med. Sci. Lett. (Voj. Zdrav. Listy)**, v. 86, n. 1, p. 32-41, 2017. Disponível em: https://doi.org/10.31482/mmsl.2017.005. Acesso em: 13 out. 2024.

PIRES, O. C., TAQUEMASA, A. V. C., AKISUE, G., OLIVEIRA, F., & ARAUJO, C. E. P. Análise preliminar da toxicidade aguda e dose letal mediana (DL50) comparativa entre os frutos de Pimenta-do-Reino do Brasil (*Schinus terebinthifolius* Raddi) e Pimenta do Reino (*Piper nigrum* L.). **Acta Farmacêutica Bonaerense**, v. 23, n. 2, p. 176-182, 2004.

ROSAS, Elaine Cruz et al. Anti-inflammatory effect of *Schinus terebinthifolius* Raddi hydroalcoholic extract on neutrophil migration in zymosan-induced arthritis. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 175, p. 490-498, 2015.

SANTOS, Ítala Tainy Barreto Francisco dos et al. Óleo essencial de *Schinus terebinthifolius* Raddi como controle alternativo de *Colletothrichum gloeosporioides* e *Lasiodiplodia theobromae*, fungos fitopatogênicos de pós-colheita. **Revista GEINTEC**, São Cristóvão, v. 4, n. 4, p. 1409-1417, 2014. Disponível em: https://www.revistageintec.net. Acesso em: 14 set. 2024.

SILVA, Marciane M. da et al. *Schinus terebinthifolius*: phenolic constituents and in vitro antioxidant, antiproliferative and in vivo anti-inflammatory activities. **Revista Brasileira de Farmacognosia**, Dourados: Elsevier, v. 27,